

Perspectiva e empatia na persuasão: o esboço do *ethos* nos comentários imagéticos

(La perspectiva y la empatia en la persuasión: esbozo del *ethos* en los comentarios imagéticos)

Ivani Cristina Silva Fernandes¹

¹Centro de Artes e Letras — Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

icrisifer@yahoo.es

Resumen: Este artículo tiene como objetivo el de reflexionar sobre la cuestión de la empatía y del *ethos* en comentarios imagéticos, es decir, estructuras que relacionan una imagen y la modalidad escrita en la expresión de una perspectiva del enunciador en textos predominantemente argumentativos. Además, se discute también la posibilidad de consolidación de un nuevo género del discurso que prioriza la función de un punto de vista como el elemento que construye la representatividad de un hecho ejemplar de una realidad inmediata y fugaz, típica de las representaciones de la posmodernidad.

Palabras clave: *ethos*, persuasión y géneros discursivos.

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre a questão de como se estabelece a empatia e o esboço do *ethos* de um enunciador em comentários imagéticos, isto é, estruturas que conjugam a imagem e a modalidade escrita na expressão de uma determinada perspectiva do enunciador em textos de caráter predominantemente argumentativo. Por outro lado, também se discute a possibilidade de consolidação de um novo gênero discursivo que prioriza o papel de um ponto de vista como norteador da representatividade de um acontecimento exemplar de uma realidade imediata e fugaz, típica das representações na pós-modernidade.

Palavras-chave: *ethos*, persuasão, gêneros discursivos.

Introdução

Na pós-modernidade, um aspecto pertinente na pauta de discussões é a inter-relação de diferentes linguagens na elaboração da subjetividade e das formas de representação. Conceitos como multiplicidade, fragmentação e heterogeneidade estão presentes no momento de caracterizar o sujeito e a produção de sentidos em uma língua. Tais aspectos deveriam ser concebidos como processos coenunciativos, marcados pela noção de alteridade, pelas possibilidades linguísticas e pelas marcas do sujeito que emergem na língua.

Nesse contexto, como já afirmava Santaella (2007), textos, sons e imagens sobrepõem-se, entrecruzam-se, separam-se e complementam-se. De certo modo, tal dinâmica está guiada por uma determinada perspectiva, um determinado olhar que esboça não só uma postura diante da realidade, ou melhor, diante de uma interpretação da mesma, mas também perfila o sujeito multifacetado e representativo dessa visão, inserido em diferentes práticas languageiras em que a linguagem e o social se influenciam mutuamente com relação aos efeitos de sentido.

Essas práticas aludem à concepção de diferentes gêneros discursivos também marcados pela heterogeneidade, em especial, quando pensamos nas possibilidades do

suporte ou *mídiu*m como o ambiente virtual. Entre esses gêneros, dedicamos uma especial atenção àquele que conjuga mecanismos verbais e imagéticos que implicam um jogo ostensivo entre várias perspectivas e intertextualidades. Dessa maneira, acreditamos pertinente perguntar-nos se podemos pensar em um gênero mais específico, cujas características se reportem à junção de imagens e linguagem verbal com o objetivo de enfatizar a perspectiva do enunciador como um olhar apurado de uma realidade imediata, frente a outros pontos de vista.

Para esta finalidade, escolhemos como campo teórico, entre outras áreas, a Linguística da Enunciação, pois esta enfatiza a importância do sujeito, espaço e tempo para analisar os fenômenos referentes à enunciação e ao enunciado, conceitos ligados ao efeito de sentido determinado, irrepetível na linguagem. Fuchs (1985) assinala que, mesmo de maneira implícita, a tradição gramatical recorre à noção do sujeito enunciante para compreender a dinâmica de determinadas construções linguísticas, uma vez que não é produtivo estabelecer uma separação rígida entre sujeito, língua e discurso.

É evidente que o estudo sobre o sujeito não é um objeto da Linguística, posto que tal noção envolve elementos exteriores a esse campo, como os antropológicos, os psicológicos ou os filosóficos. Como enfatizam Flores e Teixeira (2005, p. 107), na Linguística, em especial na abordagem enunciativa, se considera a representação do sujeito na enunciação, isto é, as marcas do sujeito no enunciado e não o sujeito psicobiológico.

Outro aspecto que deve ser considerado são os processos de enunciação no enunciado. Possenti (2008, p. 131) nos alerta que esses processos são um fenômeno complexo, pois, por exemplo, a questão dos vários tempos em que um enunciado pode ser reelaborado permite que haja a intervenção de várias instâncias nas reformulações que implica a dinâmica coenunciativa. Esses processos, muitas vezes, são implícitos e diversos segundo o campo e gênero, porém as dificuldades aqui apontadas se transformam em mais uma justificativa para que se aborde a produção de sentidos na linguagem a partir das inter-relações entre os enunciadores, as quais são constituídas e também questionadas. E é nas marcas do sujeito no enunciado, evidenciadas pelos mecanismos linguísticos organizados na materialidade da língua, que podemos apreender todos os aspectos anteriormente mencionados.

Realizadas as ressalvas pertinentes sobre o papel do sujeito nas análises linguísticas, uma problemática que nos interessa são as relações ético-patêmicas e suas marcas em textos de dimensão primordialmente argumentativa. Em outras palavras, como se esboça a imagem discursiva do *ethos* de um enunciador na argumentação e de que maneira se perfilam os sentidos patêmicos entendidos como efeitos visados ou supostos das emoções em uma imagem do enunciatário, mas nunca efeitos produzidos efetivamente. Como alerta Charaudeau (2010), não há uma implicação entre expressar e descrever uma emoção e provocar tal emoção no outro.

A tecedura dessas relações e efeitos implica o estabelecimento da empatia como um dos aspectos relevantes para alcançar persuasão em um texto argumentativo. Não só a razão e os encadeamentos de causa e consequência são imprescindíveis na argumentação, mas também as emoções, vistas a partir da perspectiva de efeito patêmico e da consciência da noção de alteridade na constituição do sujeito.

Algumas noções basilares: gênero discursivo, empatia, *ethos* e *pathos*

Apesar de ser um conceito muito discutido, a noção de gênero se relaciona não só com a questão de forma, como também com a problemática das atividades comunicativas, mais particularmente, como essas se ordenam e se estabilizam no discurso. Ao entender o gênero a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva, concordamos com Marcuschi (2005, p. 22-23) quando esboça o gênero discursivo “como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdo, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Em suma, são “ações discursivas para agir sobre o mundo e dizer o mundo, constituindo-o de algum modo” (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23).

Os gêneros são formados por várias tipologias textuais, entendidas como uma espécie de sequência, de natureza teórica, caracterizada por aspectos linguísticos. Em geral, fazem parte dessa categoria a narração, a descrição, a exposição, a argumentação e a injunção. Referente ao conceito de argumentação, definimos o texto de tipologia argumentativa como uma construção em que o locutor pretende que o interlocutor assumira determinadas ideias, posturas ou fatos através de suposições que façam plausíveis determinados argumentos e dados (RODRÍGUEZ; LARA, 2002).

No entanto, cabe ressaltar que ampliamos a noção de argumentação a partir de uma perspectiva ducrotiana, em que o sentido argumentativo não está no mundo, mas sim na linguagem, pois o locutor recria o real por meio da linguagem. O valor argumentativo de um elemento linguístico se concentra no conjunto de possibilidades de encadeamento que o seu emprego determina.

Segundo Barbisan (2004, p. 62), Ducrot pensa a linguagem como elaboração da realidade a partir do ponto de vista do locutor e, posteriormente, tal elaboração se transforma em um tema de debate entre interlocutores. Assim temos, em confluência, os aspectos subjetivo e intersubjetivo. Portanto, as perspectivas dos interlocutores e a reelaboração de seus respectivos esboços se tornam basilares nos principais processos argumentativos presentes nos textos e discursos atuais, em particular, os relacionados diretamente com os meios de comunicação nos seus mais variados suportes (televisivo, impresso e virtual).

Tal dinâmica não se limita aos mecanismos estritamente enunciativo-discursivos presentes na materialidade da linguagem verbal. O aspecto imagético é efusivamente apresentado também como peça de criação de um mosaico composto por recortes de uma pressuposta realidade com matizes de objetividade. O mencionado aspecto dialoga com a materialidade enunciativa, protagonizando um movimento de complementação e choque entre as várias representações e perspectivas sobre determinado tema.

Uma das manifestações mais correntes da tendência aqui comentada se apresenta na imprensa (de suporte impresso ou ‘on line’), no que diz respeito aos comentários que fundem imagem e texto escrito em um conjunto que visa a informar, interpretar e transmitir um ponto de vista do locutor. Inclusive esse tipo de elaboração discursiva está marcado no veículo de comunicação pelo espaço a ele destinado e seu correspondente título que, comumente, está relacionado com a força representativa da imagem e da opinião. Podemos também indagar se esse tipo de construção não será um novo gênero, uma vez que há algumas características mais ou menos determinadas enquanto à forma, ao suporte e ao contexto.

Esse aspecto “entramado”, constituído pela imagem e mecanismos linguísticos, é a metáfora de uma face da pós-modernidade: a construção dos acontecimentos por meio do impacto através da imagem e de uma perspectiva fragmentária e múltipla de um locutor. No entanto, nessa construção, não há somente a questão do perfilar uma realidade propriamente dita, mas também da criação de uma imagem discursiva de si mesmo com uma determinada intenção, mecanismo conceituado desde a Antiguidade como *ethos*.

Em linhas gerais, o *ethos* se refere à figura do locutor na língua. Esse conceito nasce no âmbito dos estudos da Retórica e faz parte da trilogia aristotélica (*ethos*, *pathos* e *logos*) dos meios de prova. Nesse contexto, o termo se refere à imagem que o orador constrói de si no discurso a partir de duas dimensões: a individual (a que alude às características pessoais que garantem a credibilidade) e a social (a que se relaciona ao modo de se expressar com a meta de provocar o convencimento dos ouvintes).

Contudo, é na Análise do Discurso de linha francesa que o conceito de *ethos* é atualmente mais explorado. Mais precisamente, utilizaremos os estudos de Amossy e Maingueneau, pesquisadores que dedicam parte de suas reflexões à questão do *ethos*. Amossy (apud CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2006, p. 220) o define como “a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário”.

Maingueneau (2008, p. 98) o especifica ao afirmar que o *ethos* possui um conjunto de características físicas e psicológicas que constrói a figura do *fiador* ao qual se atribui um caráter (traços psicológicos) e uma corporalidade (compleição corporal e modo de se vestir e de se movimentar no âmbito social). Tal figura é produto de representações coletivas que se faz do enunciador. Na verdade, o *ethos* se revela através da forma de dizer.

O universo de sentido propiciado pelo discurso impõe-se tanto pelo *ethos* como pelas “ideias” que transmite; na realidade, essas ideias se apresentam por intermédio de uma *maneira de dizer* que remete a uma *maneira de ser*, à participação imaginária em uma experiência vivida. (MAINGUENEAU, 2008, p. 99)

Para caracterizar essa maneira de dizer, esse tom transmitido ao enunciado, observamos a forma como diversos mecanismos linguísticos são ordenados e trabalhados. Dita forma imprime ao enunciado uma tendência enunciativa que definimos aqui como a recorrência de uma ou algumas estruturas linguísticas que caracterizam uma forma de dizer em um discurso oral ou escrito. Através dessa tendência podemos perfilar um tom, um matiz enunciativo que nos auxilia a caracterizar o *ethos* de um enunciador na sua maneira de dizer.

Em domínios do campo argumentativo, com frequência, observamos que o mecanismo persuasivo mais recorrente é o estabelecimento da empatia, em especial no português brasileiro. A criação do *ethos* está determinada, de certa forma, pela construção da imagem de um enunciatário e como essas duas imagens podem relacionar-se de forma harmônica, criando uma identificação entre entidades.

No campo da psicologia, a empatia está vinculada com a capacidade, por parte do indivíduo, de compreensão de um objeto, projeção de uma personalidade num objeto e identificação entre seres. Em Zimerman (2001, p. 119-120), o termo “empatia” é definido como palavra derivada “do grego e forma-se ‘de em’ (ou ‘em’), dentro de + *pathos*, sofrimento, dor [...], própria da área afetiva” que na psicanálise se refere à “capacidade

de o analista sentir em si”, tradução do conceito freudiano “Einfühlung”, referente ao “poder de sentir-se dentro do outro por meio de adequadas identificações projetivas e introjetivas”.

Considerando que estamos no âmbito enunciativo e discursivo, podemos entender a empatia como um processo de produção de sentidos pelo qual um enunciador, valendo-se dos mecanismos enunciativos e discursivos, tenta criar efeitos que enfoquem a identificação de determinadas ideias entre enunciatários em uma materialidade linguística.

O processo anteriormente esboçado é um dos instrumentos frequentemente presentes nas atividades de persuasão, em especial na sociedade brasileira, caracterizada pela existência de traços de laços familiares e amistosos nas interações em vários âmbitos, inclusive no profissional e no administrativo, por exemplo. O resultado do processo descrito antes é estabelecer vínculos entre a forma como o enunciador concebe a realidade e como seus coenunciadores constroem suas perspectivas sobre a mesma. Isso, em última análise, edifica uma identidade coletiva, caracterizando, mesmo de modo aproximado, uma identidade nacional.

Quanto à problemática sobre o *pathos*, ou seja, a emoção a partir do ponto de vista enunciativo, tomamos como base teórica os trabalhos relacionados ao Núcleo de Análise do Discurso da FALE/ UFMG, entre eles o estudo de Charaudeau (2010). Tal pesquisador distingue o estudo das emoções da perspectiva sociológica (interacionista e interpretativa) ou psicológica (social) das análises enunciativo-discursivas desse objeto que visa à emoção como componente de ordem intencional, relacionada aos saberes de crença e a um contexto de representação psicossocial.

Charaudeau (2010, p. 30) define “as emoções como estados mentais intencionais que se apoiam em crenças”, constituídas por “um saber polarizado em torno de valores socialmente compartilhados”. Esse conjunto se inscreve no contexto de representação, entendida como um processo de simbolização (a imagem de um objeto construída por um sistema semiológico) e de autoapresentação (processo pelo qual a imagem construída de um objeto retoma o sujeito não só como uma elaboração do mundo, mas também como modo de autodefinição).

Dessa maneira, a emoção é entendida em termos de uma construção do *pathos*, isto é, como um efeito patêmico visado, o que revela uma perspectiva do sujeito sobre o seu enunciatário e sobre si mesmo, e uma postura com relação a seus imaginários sociodiscursivos, isto é, conjunto de enunciados, pertencente a uma comunidade social, construindo uma rede de intertextos segundo as palavras de Charaudeau (2010, p. 32). Portanto, estudar os aspectos patêmicos implica observar a situação de comunicação, os saberes compartilhados e as estratégias enunciativas.

Uma proposta de análise

Motivados pela referida problemática, objetivamos refletir sobre a constituição do *ethos* discursivo em textos escritos mediáticos que conjuguem imagem e perspectiva do enunciador com a meta de estabelecer um efeito de empatia entre enunciatários. Tal reflexão se dará a partir da análise dos mecanismos linguísticos como estruturas morfossintáticas, relações semânticas e enunciativas, aspectos textuais etc.

Para esse fim, empregamos um *corpus* de análise que está constituído de 20 textos da revista *Veja*, publicados entre agosto e dezembro de 2009, na seção *Panorama*, sob o título *Imagem da semana*. Acreditamos que esse modelo textual é exemplar para o estudo da relação entre *ethos*, perspectiva e persuasão, visto que nele se apresentam, de forma categórica, os comentários de um enunciador conjugados a um aspecto imagético. Além disso, sabemos que essa revista é de ampla difusão no país.

Em linhas gerais, os textos escolhidos se encontram na seção *Panorama* da Revista *Veja*, publicada no suporte impresso e virtual. Tal seção se compõe de subseções que têm como alvo traçar uma síntese dos principais acontecimentos da semana por meio de textos breves ou esquemáticos, em que os recursos tipográficos e imagéticos contribuem efetivamente para a construção da estrutura textual. Assim, temos as seções *Imagem da semana*, *Datas*, *Holofote*, *SobeDesce*, *Conversa com (...)*, *Números*, *Radar* e *Veja essa*.

Jornalisticamente, a primeira seção, *Imagem da semana*, poderia ser considerada como uma coluna: texto englobado no gênero de opinião que tem como objetivo criar e consolidar determinados pensamentos e atitudes no leitor com a finalidade de persuadir o público, buscando sua adesão, mediante a interação simbólica (ARMAÑANZAS; NOCI, 1996, p. 82-83). Como características formais, com base em Escribano (2008), define-se a coluna como um texto assinado por um escritor ou jornalista de renome e publicado regularmente. Possui um estilo peculiar em que se destacam a liberdade de criação, a estrutura e as formas expressivas que combinam as tipologias narrativas, expositivas e argumentativas.

Escrita pela editora-executiva da revista, Vilma Gryzinski, essa coluna apresenta, a partir de uma foto, um comentário breve e efusivo sobre um acontecimento internacional da semana. Existe uma tendência em tratar assuntos relacionados com o Oriente Médio, a política norte-americana e a política dos países europeus (em menor medida).

Essa estrutura textual é um modelo em que há uma combinação de linguagens, no caso, verbal escrita e a não-verbal imagética, que podem complementar-se, entrecruzar-se ou até contrapor-se para formar um simulacro da realidade a partir de um ponto de vista particular sobre assunto atual. Tal assunto se caracteriza pela possível representatividade do fato em um período relativamente curto de tempo e, portanto, é um acontecimento fugaz, uma vez que será substituído, de modo rápido, por outro episódio.

Nesse ponto, retomamos uma indagação aqui exposta: essa estrutura textual não configura um gênero diferente do comentário? A frequência desse tipo de estrutura nos mais diversos suportes e as particularidades mais ou menos consolidadas — junção entre imagem e modalidade escrita, esboço de um *ethos* empático / crítico e estabelecimento de uma empatia mediante efeitos patêmicos — nos faz pensar na possibilidade de existir esse gênero que poderia ser nomeado como comentário imagético (talvez um subgênero do comentário) ou imagem da semana (em que se enfatizaria o efeito da imagem como elemento desencadeador da perspectiva do enunciador).

Restringindo o nosso enfoque apenas aos comentários de ordem da construção ética e patêmica, a primeira peculiaridade é a essencialidade do olhar, considerado como elemento coesivo na captação da realidade mutável. Uma visão preliminar poderia levar-nos a relacionar esse texto a uma tipologia expositivo-argumentativa que pretende apreender a realidade em sua fugacidade e dinamismo. Não obstante, acreditamos que o conjunto tende a esboçar a perspectiva pseudounificadora sobre um fato construído pela heterogeneidade

de olhares. O relevante se apresenta nas camadas justapostas e fragmentadas de perspectivas costuradas em uma estrutura discursiva; por isso a inter-relação de linguagens (a escrita e a imagética).

A partir das considerações de Eslava (2008) sobre a problemática do referente e da forma de representação na Literatura, questionamos quais são as condições de representação na pós-modernidade, visto que, como uma das estruturas primeiras de representação linguística, os gêneros atuais se destacam por um certo “hiper-hibrismo”, como o blog ou o fórum virtual. Não se enfoca a maneira como o objeto é exibido, isto é, como um móvel que traça um trajeto do exterior (realidade) ao interior do ser (enunciador). Na verdade, esse foco se aproxima ao modo como o sujeito observa determinado objeto, desenhando um fluxo do interior (modo como se concebe este objeto no universo linguístico) ao exterior do ser (um simulacro da realidade desse objeto no mundo). É uma construção através do deslocamento e da multiplicidade que se estrutura pela “representação da representação”, diluindo-se o referente entre as diversas capas de perspectivas fragmentárias e polifônicas.

Na presente amostra, o comentário não se realiza a partir do fato em si, mas com base em uma fotografia que, por sua vez, já é uma representação de um referente marcado pela subjetividade. A foto recorta uma realidade, reconstruindo-a a partir de uma perspectiva. Ao extraí-la de seu contexto dinâmico, a ação é petrificada e deslocada para um contexto mediático, transformando-se em um fragmento de uma primeira forma de representação, em geral, em forma de notícia. Nesse processo, já encontramos uma série de indagações sobre a maneira como a subjetividade desloca e molda o fato, agora envernizado com camadas de pseudo-objetividade e imparcialidade jornalística.

No entanto, o processo não cessa o seu movimento nesse ponto. A foto novamente sofre um processo de deslocamento de um primeiro conjunto de estrutura textual e é implantada em um novo arcabouço constituído por um duplo / múltiplo recorte (o do fotógrafo e da colunista quando não por um corpo editorial); uma múltipla escala de valores (o que é representativo para um e outro olhar) e uma múltipla escala de prioridade visual (localização da foto – privilegiada ou secundária – nas formas textuais em que participa).

Essa multiplicidade de perspectivas, de escolhas e de recortes se coesiona em uma unidade imagético-linguística a partir da construção de uma imagem do enunciador (o *ethos*) condicionada pelo esboço aproximativo de uma imagem do enunciatário. No entanto, é impossível manter uma unicidade de representação típica do sujeito cartesiano. Assim, as estruturas linguísticas são encadeadas de acordo com os condicionamentos da coenunciação em que a figura do enunciatário aparece ativa contracenando com a exposição do ponto de vista do enunciador.

Com a finalidade de discutir essas relações e suas marcas na materialidade linguística, selecionamos dois textos representativos do *corpus* em se explicita a elaboração enunciativa como forma de estabelecer-se a empatia entre enunciadores e, a partir disso, a confluência de um olhar propício às estratégias persuasivas adotadas.

O primeiro modelo apresentado (na versão *on line*), Figura 1, refere-se à visita do presidente espanhol aos Estados Unidos e ao uso ideológico de uma determinada foto tirada em cerimônia oficial. Nesse caso, a própria materialidade da foto é mote para um comentário sobre os embates políticos e ideológicos no cenário espanhol.

Imagem da Semana

Família fica fora de foco

O figurino é gótico, mas a discussão é bizantina: dar a foto das filhas de Zapatero é de "direita" ou de "esquerda"?

Vilma Gryzliski



A foto acima é um retrato da inocência. Mostra o presidente Barack Obama e o primeiro-ministro espanhol José Luis Zapatero com as respectivas mulheres, Michelle e Sonsoles. O toque inesperado é dado pelas filhas do casal espanhol, Laura, de 16 anos, e Alba, de 13, por causa do contraste entre o jeito oficial dos pais e o estilo gótico das meninas. Tirada em recepção oferecida pelo casal Obama aos visitantes estrangeiros que foram a Nova York para o festival anual de discussão na ONU, foi retirada de circulação a pedido do governo espanhol. Zapatero não quer divulgar imagens das filhas, embora a presença delas em cerimônias oficiais tenha dificultado manter essa política. Na semana passada, claro, a foto já havia virado o mundo e a discussão tornou-se bizantinamente politizada. A "direita" a favor da publicação e a "esquerda", identificada com Zapatero, contra. Um jornal explicou que acatava o direito à privacidade das meninas. E poucos dias depois disse em reportagem sobre a prisão de Roman Polanski que a Suíça havia "reagido com zelo excessivo". Ou seja, publicar fotos de meninas de 13 anos não pode, mas fazer aquilo que Polanski fez...

Figura 1

O título, “Família fora de foco”, alude à ressignificação de um processo técnico próprio da fotografia (focalizar o objeto). Em tal contexto, o fragmento “fora de foco” antecipa a conclusão do enunciador de que a discussão ultrapassou os limites do contexto. Retoricamente, temos a antanáclase (figura que trabalha com dois sentidos de uma mesma palavra). Por outro lado, o subtítulo trabalha com os adjetivos “gótico” e “bizantino” em seus sentidos metafóricos. Relacionados à História cultural e artística, os adjetivos

mencionados se relacionam pela falsa oposição no significado primeiro desses adjetivos entre o gótico e o bizantino na materialidade linguística (com encadeamento adversativo ressaltado pelo conector intra-oracional “mas”). No entanto, se complementam, formando uma relação de causa e efeito: uma discussão fútil sobre as implicações ideológicas da foto. Tal relação se encontra especificada pela introdução dos dois pontos e criticada pela flexibilidade e irrelevância no contexto das concepções de “direita” e “esquerda” que se encontram entre aspas.

Apenas nesse encabeçamento notamos que o trabalho com a materialidade linguística requer dos interlocutores um conhecimento compartilhado tanto de caráter enciclopédico e noções de figuras retóricas como de atualidades (conhecimento da figura pública do presidente espanhol Luis Rodríguez Zapatero e sua filiação política e ideológica). Dito conhecimento relacionado com fatos e presunções formam o que Perelman e Olbrechts-Tyteca (1989) nomeiam como premissas comuns, ou seja, um acordo prévio entre interlocutores em que se baseia a argumentação.

Além desses mecanismos argumentativos, os processos descritos revelam um instrumento de construção do *ethos*, se pensarmos a partir da Teoria da Cortesia, que enfoca a importância de que se demonstre que os interlocutores compartilham uma experiência comum. Esse aspecto é primordial para estabelecer-se um primeiro elo de empatia.

Ao observar o texto, se apresenta uma asserção definidora da foto tanto em localização espacial como em valor subjetivo: “A foto acima é um retrato da inocência”. Posteriormente, temos vários encadeamentos descritivos iniciado pelo verbo “mostrar” que podem apontar para uma atitude mais objetiva que logo se revela avaliativa pelo uso de alguns termos e mecanismos: emprego das expressões “toque inesperado”, “jeitão oficial”, “estilo gótico das meninas”, “discursionite”, “virado o mundo”, uso do termo “mulheres” no lugar de “esposas” (reforçado pelo emprego do primeiro nome das primeiras-damas). Do mesmo modo, destacam-se o uso da oração reduzida do particípio que localiza o fato no espaço / tempo; o emprego da justaposição de enunciados com estruturas subordinadas e voz passiva; e o uso preciso dos marcadores discursivos.

Referente a este último mecanismo, podemos observar três empregos eficazes de marcadores no que diz respeito ao encadeamento de enunciados na produção do olhar crítico, sarcástico e compartilhado. Primeiro, o marcador conversacional de modalidade epistêmica “claro” (que indica a evidência do conteúdo enunciativo e ratifica o enunciado). Segundo, o conector aditivo “e” (com valor contextual adversativo ao introduzir uma contradição conjetural da postura do diário ao defender a privacidade das filhas do mandatário espanhol e criticar a atitude suíça de deter o cineasta Roman Polanski devido a um crime de abuso sexual). E, por último, o reformulador explicativo “ou seja” (que mimetiza um processo de esclarecimento para evidenciar a crítica à contradição de posturas éticas da imprensa espanhola, censura reforçada ainda pelo uso da reticência ou da aposiopese, figura retórica em que o enunciado é completado pelo enunciatário, sendo uma insinuação por excelência).

Todos esses mecanismos anteriormente comentados auxiliam na construção de uma tendência enunciativa descritiva, oralizada, de registro coloquial. Essa tendência, por sua vez, é elemento essencial para o esboço de um *ethos* do enunciador que tende à figura irônica, categórica, expressiva e próxima ao enunciatário. Por outro lado, o efeito patêmico que se perfila é caracterizado também pela indignação irônica e debochada.

Nos dois casos, temos um exercício de raciocínio lógico na percepção das contradições que são explicitadas de maneira irônica e coloquial. Esse elo é o que estabelece a empatia entre enunciador e enunciatários no texto aqui comentado. Esse formato que permitiu a inter-relação de todos esses processos não pode restringir-se às definições canônicas das classificações de tipologia jornalísticas e textuais.

Os próximos textos tendem a empregar os mesmos mecanismos, visto que a credibilidade, a formação de um grupo mais ou menos fixo de enunciatários e a persuasão eficaz dependem da consolidação de um determinado *ethos* discursivo. No entanto, ainda há vários aspectos a serem apontados. Considerando os objetivos pontuais desse trabalho, analisaremos sucintamente alguns outros mecanismos que ampliem uma visão panorâmica sobre essa perspectiva do gênero.

A Figura 2 se singulariza pelo emprego de fragmentos narrativos e pela exploração da carga semântica ligados à afetividade de determinados termos com a finalidade de projetar determinados efeitos. Basicamente se emprega o argumento dissociativo em que se destaca a comoção pelo resgate de um cachorro em um contexto de guerra em que a morte de seres humanos não afeta intensamente aos demais como se esperaria.

Home » **Revistas** » **Edição 2143** / 16 de dezembro de 2009

Índice • Seções • Panorama • Brasil • Internacional • Geral • Guia • Artes e Espetáculos • ver capa

Imagem da Semana

Resgate animal

Pelo menos uma história de redenção no Iraque, mesmo que com protagonista canina

Milma Gryzinski

Já que pouca gente liga para os humanos que continuam sendo mortos em lugares como Iraque, Afeganistão e Paquistão, que tal uma comovente história de cachorro salvo por milagre? Não deu outra: o resgate da cadela Liza das ruínas de um atentado a bomba em Bagdá rendeu muito mais curiosidade do que o ataque em si – na verdade, cinco, coordenados para causar o maior estrago possível, com um total de 127 mortos. Liza ficou sozinha, presa pela coleira, ao lado de uma tigela estorricada, no que restou do teto da casa de seu dono, **Farouq Omar Muhei**. Os vizinhos acharam que ele tinha morrido na explosão, mas Muhei sofreu só ferimentos leves e saiu direto do hospital para buscar Liza. Um irmão dele subiu pelos escombros, soltou a bichinha e a entregou, trêmula, nos braços do dono. Na rua, a primeira coisa que ela fez foi tomar água de uma poça. Quanto aos humanos, um final feliz parece remoto. Os atentados voltaram a recrudescer, os iraquianos responsáveis pela segurança caem a cada novo ataque e os americanos interferem muito pouco – só preparam a própria retirada, uma operação logística de dimensões babilônicas. Os autores são iraquianos sunitas ou outros árabes da mesma ala unidos sob a bandeira do fundamentalismo; e as vítimas, quase todas xiitas. Mas mesmo em países muçulmanos só se fala vagamente em "violência sectária", dentro do princípio geral de que inocente bom é inocente morto por americanos. "A lista de alvos não terminará enquanto a bandeira do monoteísmo não for hasteada de novo", avisou a Al Qaeda no Iraque. Tradução: xiitas, considerados idólatras pelos radicais do outro lado, continuarão a viver num mundo-cão.

Hadi Mizban/AP



Figura 2

Novamente se nota o uso da pergunta retórica oralizada em tom coloquial como instrumento dialógico entre interlocutores. Quanto à narração, esse mecanismo tem uma intenção de criar efeitos patêmicos em dupla direção. O primeiro se refere à história do resgate do animal de estimação, detalhada com expressões de efeitos enternecedores (como o exemplo do emprego lexical do diminutivo 'bichinha' referindo-se ao animal).

Por outro lado, em um movimento digressivo, o segundo pretende motivar a emoção, ou melhor, a indignação com o descaso referente às mortes de civis, aludindo à contradição social. Enunciativamente, esses dois aspectos são reunidos nas diferentes ressignificações da expressão “mundo-cão”, esboçando um círculo em que há um fluxo de sentidos que se encontram, se sobrepõem e se chocam.

Recapitulando as características dos dois textos comentados, se podem listar algumas peculiaridades linguísticas, enunciativas e discursivas:

- ênfase no conhecimento compartilhado entre enunciadores tanto no que se refere aos fatos cotidianos e da cultura de massa como aos acontecimentos relacionados ao conhecimento enciclopédico do indivíduo;
- ênfase nos processos de inferências e de pressuposição;
- jogos enunciativos e discursivos de antecipação e ressignificação entre títulos e fotos;
- construções léxicas e sintáticas de teor retórico e enunciativo;
- movimentos digressivos através de fragmentos descritivos ou narrativos;
- oralização da escritura em registro coloquial;
- explicitação de mecanismos dialógicos, em especial aos tipos de discurso (direto, indireto, encoberto, ecos);
- emprego enfático de perguntas retóricas, ironias e contradições.

Após esses comentários, é importante considerar a ênfase na figura do *ethos* do enunciador e do efeito patêmico com um enfoque direcionado à relação entre estas duas entidades. Nesse sentido, a noção clássica de coluna jornalística poderia também nomear-se como um “comentário ético-patêmico”, compreendido como uma estrutura enunciativa e textual que privilegia a relação ético-patêmica na construção de sentidos em suportes impressos ou virtuais e que objetivam construir a representatividade de um acontecimento como exemplo de uma realidade imediata e fugaz.

Outro fato que consideramos pertinente em tal esboço analítico se refere à questão do modo como mecanismos linguísticos se entrelaçam na elaboração de uma realidade construída e diversa dos fatos empíricos. Em suma, que a linguagem constrói uma outra realidade, diferente do mundo do acontecimento e que ultrapassa o lugar comum da linguagem como instrumento de “decalque” do real. A linguagem, em especial a língua, não (re)cria uma perspectiva sobre algo, mas sim a própria perspectiva se configura como uma realidade distinta dos fatos em que os jogos de sentidos ganham autonomia como uma paradoxal unidade de natureza plural. Nesse sentido, concordamos com as palavras de Trujillo (1996, p. 92):

La 'conciencia crítica' de que acabo de hablar ('el lenguaje representa la realidad, aunque imperfectamente') se subordina, pues, a la naturaleza propia del lenguaje, que es una

instancia de lo real, de la misma manera que lo son esta silla o aquel libro: ya hemos dicho que las lenguas no son interpretaciones del mundo, sino 'realidades' autónomas que también hay que interpretar a menudo, de la misma manera que se interpreta la otra realidad (la de las cosas) [...]

Considerações finais

A forma como os mecanismos linguísticos e imagéticos são combinados contribui para o esboço de um *ethos* que busca a empatia com o enunciatário, uma vez que existe a tendência, na sociedade brasileira, de usar a empatia como mecanismo muito eficaz de persuasão. Dita empatia, muitas vezes, se estabelece por meio dos efeitos patêmicos que, quando em excesso, podem desfocar as questões essenciais presentes em um discurso ou ainda produzir um enfraquecimento ou a banalização de alguns sentidos construídos.

Por outro lado, um aspecto pertinente é discutir a relevância de enfatizar a perspectiva e a opinião do sujeito na mídia. Como provável consequência de tal prática, notamos a presença considerável desse conjunto formado por imagem e texto interpretativo-argumentativo em diversos veículos de comunicação.

Outro aspecto que merece atenção é pensar os gêneros discursivos a partir do ponto de vista da representação e da forma. Podemos identificar, nesse trabalho de análise, pelo menos quatro tipos prováveis de representação ou construção de uma realidade linguística: a do fotógrafo, a do enunciador quanto à escolha do foto, a do enunciador quanto ao conjunto textual imagético, a da antecipação do olhar do enunciatário que influencia o enunciador. Como analisar essa simbiose representativa, ou mais precisamente, essa construção de um “real linguístico”? E a questão de autoria e estilo nos processos de criação coletivos, cooperativos e dialógicos?

No momento são problemáticas desafiantes que nos instigam a continuar refletindo sobre o tema sob várias perspectivas, estabelecendo debates produtivos com as demais áreas afins. Nesse sentido, esperamos que esse artigo tenha oferecido uma contribuição significativa para a ampliação dos estudos relativos às marcas dos enunciadores na língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMAÑANZAS, E.; NOCI, J. D. *Periodismo y argumentación*. Géneros de opinión. Bilbao: Universidad del País Vasco, 1996. 230 p.
- BARBISAN, L. B. Por uma abordagem argumentativa da linguagem. In: GIERING, M. E.; TEIXEIRA, M. (Orgs.) *Investigando a linguagem em uso*. Estudos da Linguística Aplicada. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2004. p. 57-77.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Orgs.). *As emoções no discurso*. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2010. p. 23-56.
- _____.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2006. 555 p.

ESCRIBANO, A. *Comentario de textos interpretativos y de opinión*. Madrid: Arco Libros, 2008. 96 p.

ESLAVA, F. V. *Pero sigo siendo el rey: referente e forma de representação*. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2008. 49 p.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005. 125 p.

FUCHS, C. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. *Alfa*, São Paulo, n. 29, p. 111-129, 1985.

GRYZINSKI, V. Família fica fora de foco. *Veja*, São Paulo, edição 2133, Imagens da Semana, 07 out. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/071009/familia-fica-fora-foco-p-047.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2010.

_____. Resgate animal. *Veja*, São Paulo, edição 2143, Imagens da Semana, 16 dez. 2009. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/161209/resgate-animal-p-061.shtml>>. Acesso em: 24 set. 2010.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008. 238 p.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

PERELMAN, CH.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de la argumentación*. La nueva retórica. Madrid: Gredos, 1989. 855 p.

POSSENTI, S. Práticas de escrita como processos enunciativos. In: GUARACIABA, M. (Org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 122-132.

RODRÍGUEZ, C. F.; LARA, E. R. A. *Mecanismos lingüísticos de la persuasión*. Madrid: Arco Libros, 2002. 542 p.

SANTAELLA, L. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007. 468 p.

TRUJILLO, R. *Principios de semântica textual*. Madri: Arco Libros, 1996. 450 p.

ZIMERMAN, D. E. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001. 459 p.

BIBLIOGRAFIA NÃO CITADA

ARISTÓTELES. *Retórica*. 6. ed. Madri: Alianza Editorial, 2005. 317 p.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 258 p.

BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 165 p.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Some universals in language usage. 2. reed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 345 p.

DUCROT, O. Argumentación retórica y argumentación lingüística. In: DOURY, M.; MOIRAND, S. (Eds.). *La argumentación hoy*. Espanha: Montesinos, 2004. p. 25-41.

DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987. 222 p.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008. 187 p.

FLORES, V. et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008. 187 p.